

Dr. Tiberius Rata, Teologia do Antigo Testamento, Sessão 1, Introdução e Metodologia

© 2024 Tibério Rata e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Tiberius Rata e seus ensinamentos sobre Teologia do Antigo Testamento. Esta é a sessão 1, Introdução e Metodologia.

Olá a todos. Meu nome é Tiberius Rata. Eu ensino Antigo Testamento no Grace College and Theological Seminary, e hoje, vamos falar sobre Teologia do Antigo Testamento. Então, primeiro, vamos falar sobre a introdução e a metodologia da disciplina.

Não fazemos Teologia pura do Antigo Testamento porque não poderíamos; não somos profetas do Antigo Testamento; somos professores cristãos, então não podemos ensinar o Antigo Testamento como se Jesus não tivesse morrido na cruz e não tivesse ressuscitado. Então, temos que fazer, em certo sentido, teologia bíblica, mas é uma teologia do Antigo Testamento. Aqui estão algumas definições de alguns estudos anteriores.

Uma teologia que está contida na Bíblia, você pode dizer que é bem óbvio. Vos diz que o ramo da teologia exegética lida com o processo de auto-revelação de Deus depositado na Bíblia. Então agora temos alguns termos que são muito, muito importantes.

Em outras palavras, a teologia do Antigo Testamento tem que ser teologia exegética. Em outras palavras, ela precisa sair do texto. Não podemos fazer eisegese, impor nossas crenças ao texto, mas extrair nossas crenças do texto.

E está falando sobre a auto-revelação de Deus. Esta não é uma obra humana. Acreditamos que esta é a Palavra de Deus sem erro.

É por isso que podemos acreditar que não é apenas para fé e prática, mas é para tudo o que estamos olhando. Ebeling define teologia bíblica como uma teologia que está de acordo com a Bíblia. E, novamente, obviamente, isso é muito simples.

Mas há mais do que isso. Na verdade, o conceito de teologia bíblica não nasceu até depois da Reforma. O termo teologia bíblica foi usado pela primeira vez no século XVII por Johann Philipp Gabler, que é considerado o pai da teologia bíblica.

Então, esse é, na verdade, o título do livro. O título de sua obra é *A Discourse on the Proper Distinction between Biblical and Dogmatic Theology and the Correct Delimitation of Their Boundaries*. Então Gabler olhou para a maneira como a

teologia era feita e disse: Acho que precisa haver uma maneira diferente de olhar para isso.

Então, ele claramente delinea entre teologia bíblica e teologia dogmática, ou às vezes o que chamamos de teologia sistemática. Então, o que Gabler fez que, novamente, ajuda os teólogos bíblicos é que ele deu à teologia bíblica um caráter puramente histórico. Então, quando olhamos para o Antigo Testamento e vemos como Deus se revelou, temos que olhar para ele progressivamente.

Temos que começar do começo e então ir ver como Deus se revelou na história. Em outras palavras, não deveríamos fazer, e novamente, teólogos sistemáticos podem discordar dele. Não deveríamos simplesmente colocar e falar sobre Deus em geral e então pegar um versículo de Gênesis, pegar um versículo de Malaquias, pegar um versículo de Salmos. Mas ele disse, vamos olhar como Deus se revela na história. E isso está realmente na raiz da teologia bíblica, de acordo com Gabler.

Ele escreve que a teologia bíblica deve atender aos documentos individuais da Bíblia, colocando-os em seu contexto histórico e observando sua forma de expressão. Então, novamente, é aqui que vamos com a teologia exegética. Primeiro, você começa com a exegese; você olha para a Bíblia e o texto, e então olha para o contexto histórico, e então vê como eles são expressos, e então escreve isso como uma teologia.

O próprio Gabler considerava a palavra teologia bíblica inadequada para a verdadeira teologia bíblica, o que para ele significava, e eu cito, uma exegese de documentos individuais e uma comparação de suas várias expressões. Acho que a coisa mais importante a lembrar é que a teologia bíblica fica entre a exegese e a teologia sistemática. Então não há nada de errado com a teologia sistemática, ele diria.

Mas antes de chegar lá, você tem que passar pela teologia bíblica. Você olha como Deus se revelou na história e olha para a progressão dessa revelação. Novamente, esse elemento histórico é o que Gabler traz para a mesa.

E eu acho que essa é uma ótima maneira de olhar para isso. Por exemplo, quando olhamos para Deus como o criador, começamos em Gênesis, e então seguimos em frente e vemos como Deus se revelou. Agora, se você discorda da datação dos livros, você pode dizer, bem, temos que começar com Jó primeiro.

E tudo bem. Comece com Jó primeiro. Jó fala sobre Deus como um criador? Sim, ele fala.

Então, Deus como criador é uma parte muito importante da teologia bíblica e da teologia do Antigo Testamento, e Deus começa descrevendo a si mesmo como Deus, o criador. Há outros estudiosos que continuam essa ideia de teologia bíblica,

teólogos do século XIX, como Hermann Schultz, Gerhard Vos e E. J. Young. Eles viam a teologia bíblica e a citação, aquele ramo da interpretação bíblica que lida com a revelação de Deus aos homens à luz da atividade reveladora de Deus, a experiência espiritual dos homens a quem ele falou e o caráter da palavra escrita.

E, novamente, há alguns elementos aqui. Nenhum desses teólogos negou que esta é a palavra de Deus. Deus se revela em sua palavra.

Ele poderia ter escolhido revelar-se de outras maneiras, por meio de anjos. Mas não, ele não fez isso. Ele escolheu revelar-se em suas palavras e em atos históricos.

Novamente, Gabler diria que há um lugar em nossos estudos para a teologia sistemática, mas precisamos entender as diferenças. Então, antes de tudo, há similaridades em como tanto a teologia sistemática quanto a teologia bíblica lidam com o material das escrituras. Elas lidam com o texto bíblico.

Então, desde que começemos por aí, estamos bem. Agora, a teologia sistemática apresenta a verdade escritural em sua totalidade em relação a, por exemplo, a doutrina do homem, a doutrina de Deus, o pecado, e assim por diante. A teologia bíblica expõe o estágio particular de maturação da revelação de Deus aos homens no tempo dos patriarcas, Moisés e Cristo.

Então, há essa progressão, algo que, novamente, a teologia sistemática não faz. Ambos fazem exegese, tanto os teólogos bíblicos quanto os teólogos sistemáticos. Eles fazem exegese bíblica, mas como eles organizam seu material é diferente.

Teólogos bíblicos têm um arranjo mais histórico e progressivo. Estudiosos interessados no bíblico perceberam isso. Um dos mais conhecidos é GE Wright, que disse que Deus não é apenas o Deus da aliança, mas também o Senhor da história.

Em certo sentido, ele reage contra a escola alemã, que rejeita parte do material bíblico por causa de milagres, por exemplo. Você tinha teólogos que diziam, bem, você não precisa acreditar no êxodo. O êxodo realmente aconteceu para você acreditar que Deus é grande e Deus é o Redentor. E GE Wright diria, não, Deus se revelou em atos históricos.

Você não pode separar a teologia da historicidade do evento. É por isso que ele continua e diz que Deus não é apenas o Deus da aliança, ele também é o Senhor da história. Von Raad, embora tenha dito algumas coisas que podem não se encaixar em nossa teologia, ele acreditava que o Antigo Testamento é um livro histórico.

A fé de Israel é fundamentada em uma teologia da história. Agora, onde ele errou, ele disse que não é necessariamente sobre o que aconteceu que é importante. O que é importante é o que Israel acreditava que aconteceu. Bem, o problema com isso é

que às vezes Israel não acreditava realmente no que aconteceu, ou pelo menos não agia de acordo com essa crença.

Há outros estudiosos que seguem essa ideia de teologia bíblica. Terry Ann foca na literatura da Bíblia em vez de sua história. Então, esses caras contrariam o que Philip Gobbler disse e outros.

Eles disseram que o importante não é a historicidade histórica, mas a literatura. E é por isso que você tem, por exemplo, agora você pode ter aulas de Bíblia na Universidade de Michigan, Ohio State, Harvard, mas eles não acreditam em nada do que eles estão escrevendo, ou dizendo, no que diz respeito à historicidade dos eventos bíblicos. Eles apenas dizem que é um lindo livro de literatura.

Obviamente, não poderíamos concordar com isso. Kaiser diz que a história não é apenas o meio de revelação; é a base pela qual Deus pode ser conhecido. Novamente, Deus se revelou na história.

Westermann e Clemens, a Bíblia é literatura com uma dimensão histórica e intelectual. Novamente, eles nem sempre rejeitam a historicidade dos eventos, mas admitem o elemento histórico ou a dimensão histórica da teologia. Agora, há outros modelos de teologia do Antigo Testamento.

Alguns modelos atuais são, por exemplo, o modelo tipológico, Von Rad e Eichrodt. E falaremos sobre Eichrodt mais tarde quando falarmos sobre Covenant. Muitas pessoas olham para a teologia bíblica através das lentes de Heilsgeschichte, a ideia da história da salvação.

E isso é realmente muito próximo da teologia bíblica porque Heilsgeschichte, a história da salvação, traça como Deus está salvando seu povo na história. E é um conceito muito importante na literatura do Antigo Testamento. Frey desenvolve essa abordagem narrativa.

E, novamente, como crentes evangélicos, não aceitamos esse modelo, embora haja alguns elementos muito importantes que podemos aprender com Frey. Lindbergh desenvolve um método cultural-linguístico. Ele é realmente considerado o pai da teologia pós-liberal, também conhecida como teologia narrativa.

Ele argumentou que a igreja deveria focar na apresentação narrativa da fé cristã, na história cristã do começo ao fim. Então, ele diz, se você olha para uma história, você também aprende sobre a cultura e sobre os diferentes assuntos de fundo, gramática e práticas da cultura. E novamente, ele diria que essa é a maneira de estudar o Antigo Testamento.

Gotwald desenvolve a perspectiva sociológica, e ele realmente extrai da análise marxista para apresentar a história inicial de Israel não em termos de conquista tradicional, mas sim como uma revolta camponesa dentro da sociedade cananéia. Então, o que esses estudiosos estão fazendo, na verdade, é olhar para o que está acontecendo no mundo hoje, e eles estão lendo isso no passado, o que é uma maneira muito, alguns podem dizer, muito errada de fazer teologia. E então há também, é claro, a teologia bíblica judaica.

Há alguns grandes estudiosos do Antigo Testamento com os quais podemos aprender e nos basear. Novamente, a diferença seria que os estudiosos cristãos anseiam pelas promessas messiânicas sendo cumpridas em Cristo, enquanto os estudiosos judeus não. Eu tive um professor uma vez que fez uma aula de Romanos com um rabino judeu.

Ele disse que foi uma das melhores aulas sobre Romanos que ele já teve porque o cara que conseguiu fazer a correlação com o Antigo Testamento, no final da aula, o rabino disse, bem, esse é Paulo. Eu não acredito. Então é, no final, uma questão de fé e do que acreditamos sobre a Bíblia.

A Bíblia é a palavra de Deus sem erro, ou não? E nós acreditamos que sim. Teologia bíblica: embora não a chamassem assim, os pais da igreja praticavam a teologia bíblica, e olhavam para os elementos históricos da fé. Ou Arianus, Orígenes, Agostinho, no terceiro século, Aquino fizeram isso, os grandes reformadores, Martinho Lutero e João Calvino fizeram isso.

Se você olhar para as Institutas de João Calvino, ele não criou essas coisas. Ele era apenas um grande sistematizador de dados. Ele pegou o que existia lá fora e então sistematizou em suas obras.

E há muita teologia bíblica em suas obras. Uma pergunta que precisamos fazer é: há um centro do Antigo Testamento? Há um centro do Antigo Testamento? Há um centro de todo o Antigo Testamento? Podemos falar sobre um centro? E um dos estudiosos que sugere que há um centro é Walter Eichrodt. Claro, ele não seria capaz de ensinar em nossas escolas evangélicas hoje porque ele realmente disse que o Antigo Testamento continha muito pouca doutrina real.

Ele era muito crítico dos teólogos sistemáticos porque eles adotavam o esboço da teologia doutrinária ou da teologia dogmática. Sabe, você fala sobre Deus, e agora falamos sobre o homem, e agora falamos sobre o pecado. Ele dizia, não podemos fazer isso.

Temos que estudar o texto e então chegar ao que ele está falando a partir do texto. Então, ele diria que é sobre Deus e as pessoas, Deus e o mundo, Deus e a

humanidade. Então, eu posso apreciar Eichrodt porque ele mantém Deus no centro, mesmo que ele não entenda toda a teologia corretamente.

O outro lugar onde Eichrod está certo, em certo sentido, é que ele coloca muita ênfase na ideia de aliança. Ele realmente sugere que a aliança é o centro da teologia do Antigo Testamento. Deus faz uma aliança com Noé, ele faz uma aliança com Moisés, ele faz uma aliança com Abraão primeiro, depois Moisés, e então Davi, e então você tem a nova aliança.

Então, há esse tema da aliança do começo ao fim, e é difícil discordar dele porque quando você chega ao Novo Testamento, quando Jesus fala sobre seu relacionamento conosco, a Ceia do Senhor, ele institui a nova aliança. Nós, como crentes hoje, estamos sob a nova aliança. Então, é muito difícil discordar de Eichrod em certo sentido.

Ele descreve a centralidade da aliança e fala sobre a aliança Mosaica no Sinai, que reúne todos os outros temas do Antigo Testamento. A aliança do Antigo Testamento é realmente a mesma coisa que o reino de Deus no Novo Testamento. E, novamente, tenho certeza de que alguns discordariam dele, mas acho que seu ensinamento é muito, muito importante quando se trata de estudos do Antigo Testamento e especialmente do estudo da aliança.

Theodorus C. Vriezen , outro teólogo bíblico, isso é muito importante, sua ideia principal era a comunhão de Deus com os seres humanos. Se Eichrod se concentrou na aliança, Vriezen se concentrou na comunhão de Deus com os seres humanos. E, novamente, é difícil discordar dele.

Deus estava se reunindo com Adão e Eva no frescor do jardim. Então, desde o começo, Deus quer estar em um relacionamento com as pessoas. Mas ele diz que a teologia é uma questão de fé e revelação e está preocupada com a realidade de Deus e com a fé da igreja cristã.

Por essa razão, a teologia do Antigo Testamento tem seu próprio lugar ao lado da história da religião de Israel como um ramo separado da erudição. Ele concorda com esse ponto bíblico-teológico de que você não pode simplesmente fazer teologia pura do Antigo Testamento, mas também tem que olhar para o Novo Testamento para uma compreensão mais profunda. A conexão com o Novo Testamento, ele diz, não é acidental, mas deve ser integral.

GE Wright, como mencionei antes, enfatiza a unidade inteira das Escrituras por causa de sua ênfase na história. História é a revelação de Deus. História é a arena da atividade de Deus.

Ele concorda com Eichrod que a ideia de aliança é central e formativa. Ele volta e diz que a história não pode ser divorciada da arqueologia e da exegese. Por quê? A arqueologia nos dá uma janela para a história e a cultura do povo quando todos esses eventos aconteceram.

Mas , é claro, você não pode divorciá-lo da exegese. A exegese deveria ser, na verdade, o primeiro passo. Gerhard von Rad, novamente, nós o mencionamos antes, e novamente, ele acertou algumas coisas, e então errou algumas coisas.

Ele utilizou uma abordagem sintética que afirmava que a teologia do Antigo Testamento é uma série de confissões de fé pregadas ao longo dos anos. Seu tratamento da mensagem dos profetas é muito, muito bom porque ele coloca muita ênfase nos profetas. Ele gostou dessa abordagem heilgeschichte , novamente, a história da salvação.

O propósito da teologia do Antigo Testamento não é produzir uma organização sistemática do mundo da fé. Então von Raad e teólogos sistemáticos iriam bater de frente aqui. O propósito é, antes, recontar uma história.

O assunto é o que o próprio Israel enunciou diretamente sobre Yahweh. E é aqui, eu acho, onde ele errou. Ele basicamente disse que não é o que aconteceu na história.

Não é o que Deus fez, mas o que Israel acreditava que Deus fez. Bem, novamente, Israel, muitas vezes, não entendia o que Deus estava fazendo ou não acreditava no que Deus estava fazendo. Então, não podemos basear nossa teologia no que alguém acredita ou alguém experimenta porque isso pode ser subjetivo.

Temos que acreditar na palavra objetiva de Deus, e se Deus disse que aconteceu, então aconteceu. Realmente não importa o que Israel acreditava que aconteceu. E von Raad vai contra Eichrod onde ele diz que não, não há centro teológico no Antigo Testamento.

Sim, a aliança é um aspecto importante, mas não é o centro. Walter Zimmerli, outro estudioso do Antigo Testamento, diz que a chave para a chave, e aqui eu concordaria com ele que o centro da teologia do Antigo Testamento é o próprio Deus. E eu acho que muitos estudiosos do Antigo Testamento, mesmo hoje, diriam que sim, isso é correto.

Embora Israel tivesse uma relação particularmente íntima entre sua fé e suas experiências históricas, devemos evitar a suposição equivocada de que, para Israel, a história como tal se tornou a palavra reveladora de Yahweh. Então, de certa forma, ele reage contra von Raad. A história não proclama Yahweh no curso dos eventos.

Eventos catastróficos incitam as pessoas a ouvir a palavra de Yahweh. E, novamente, ele acerta algumas coisas e erra outras. Klaus Westermann diz que a estrutura de uma teologia do Antigo Testamento deve ser baseada em eventos, e não em conceitos.

O Antigo Testamento conta uma história, e, novamente, para ele, é uma história verdadeira. Ênfase na bênção. Ele não é o único.

Há alguns que dizem que a chave, e o centro da teologia do Antigo Testamento é uma bênção. Deus abençoa seu povo desde o começo. Você pode começar com Gênesis 1:28, e então ir para Noé e Abraão.

Você pode traçar a ideia de bênção através das escrituras. Novamente, não podemos negar o fato de que bênçãos são um conceito muito importante. Mas dizer que é o centro é provavelmente discutível.

Ao contrário da salvação, a bênção é algo que acontece o tempo todo e pode se aplicar a todo o mundo. Então, ele basicamente fala sobre o que os reformadores mais tarde chamarão de graça comum. Citação, é uma obra silenciosa, contínua e despercebida de Deus, que não pode ser capturada em momentos ou datas.

E eu acho que para nós que gostamos de quebrar em pontos um, dois e três; às vezes é bom olhar para o trabalho de Westermann porque ele permite um pouco de mistério e permite um pouco de tempo para dizer, às vezes nós realmente não sabemos. E eu acho que às vezes na teologia do Antigo Testamento e em qualquer teologia, precisamos de um pouco de humildade, e é por isso que eu gosto dessa ideia de que às vezes não conseguimos capturar o que Deus está fazendo em momentos e datas. E eu acho que isso é muito, muito bom.

Quando eu ia para a escola naquela época, Brevard Childs foi uma das primeiras pessoas que era grande. Ele surgiu com dois conjuntos de volumes e desenvolveu essa análise canônica nos anos 80 e 90. O problema é que ele também aceitou as conclusões críticas sobre o Antigo Testamento e rejeitou muito da historicidade do Antigo Testamento ou da historicidade de Atos.

Mas seu trabalho é muito bom no fato de que ele entende, e ele afirma que a teologia da Bíblia e a teologia da igreja não foram desenvolvidas em um vácuo, não foram desenvolvidas em uma torre de marfim, mas se desenvolveram junto com o desenvolvimento da igreja. E essa é a abordagem canônica. Ele define o cânone como o material recebido, coletado e interpretado da igreja.

Então, por favor, note que para alguns, o cânon seria apenas o texto recebido e coletado. Mas ele acrescenta o material interpretado da igreja. Então, novamente,

ele traz a igreja, e você não pode ter teologia, ele argumentaria, sem a interpretação da igreja.

É por isso que muitos estudantes, e com razão, voltam aos pais da igreja. Como eles interpretaram as escrituras logo depois que aconteceram, depois dos eventos da morte e ressurreição de Cristo e do desenvolvimento da igreja primitiva? Então, acho que a ideia dele é muito boa. Ela estabelece o contexto teológico material no qual a tradição continua a funcionar.

E da ideia de cânone temos a ideia de canônico, a recepção de tradições como autoritativas e o processo pelo qual a coleção chegou à sua estabilização literária e textual. Por exemplo, por que algum texto apócrifo, por exemplo, não entrou nas escrituras? Bem, eles não entraram porque alguns diriam, bem, não entraram porque a igreja não aceitou. Então, você pode ter todos esses escritos do primeiro ou segundo século ou o que for, e eles não estão nas escrituras.

Por quê? Bem, porque a igreja disse que eles não são canônicos. Então é por isso que ele disse que você não pode divorciar a igreja do processo de teologia. Ele continua dizendo que o testemunho das congregações mais antigas tendo uma reivindicação de continuidade histórica com a tradição apostólica mais antiga e representando o testemunho geográfico mais inclusivo da igreja universal foi usado como um critério principal para determinar a autoridade de um livro.

E, novamente, isso não poderia ter sido feito à parte da igreja. Tinha que ser feito dentro da igreja e da tradição da igreja. O Antigo Testamento é entendido em relação ao Novo Testamento, mas o Novo é incompreensível à parte do Antigo, e todos os estudiosos do Antigo Testamento diriam amém a isso, e teríamos que enfatizar isso aos nossos alunos.

Uma tarefa importante da teologia bíblica é refletir sobre toda a Bíblia cristã com suas duas vozes muito diferentes, ambas as quais a igreja confessa dar testemunho de Jesus Cristo. Onde eu discordaria dele, eu diria que não são duas vozes diferentes. É a mesma voz, e se ele escolher focar nas diferenças, tudo bem.

Algumas pessoas gostam de focar na descontinuidade entre testamentos. Alguns de nós gostam de focar na continuidade. Tenho certeza de que há um meio termo aí em algum lugar.

Então, qual é a tarefa do teólogo bíblico? Bem, o Antigo Testamento dá testemunho do Cristo que ainda não veio — o Novo, do Cristo que apareceu na plenitude dos tempos. Então, se cremos em Jesus que o Antigo Testamento é sobre ele, então precisamos olhar para o Antigo Testamento e ver onde ele está.

Quando Jesus ressuscita dos mortos, Lucas nos conta na estrada para Emaús como ele encontra os dois discípulos que estão um pouco confusos sobre o que aconteceu em Jerusalém, e Jesus meio que os repreende. Todos tolos, diz Jesus, e lentos de coração para crer em tudo o que os profetas falaram. Não era necessário que Cristo sofresse essas coisas e entrasse em sua glória? E começando com Mateus? Não.

Começando com Marcos? Não. Começando com Moisés e todos os profetas, ele interpretou para eles em todas as escrituras as coisas concernentes a si mesmo. E mais tarde, quando ele aparece aos discípulos, diz: Estas são as palavras que eu vos disse enquanto ainda estava convosco.

Que tudo o que está escrito sobre mim na lei de Moisés e nos profetas e nos Salmos deve ser cumprido. Então, se lermos o Antigo Testamento sem ver Jesus, perdemos o ponto. O próprio Jesus diz isso.

Nem a teologia bíblica nem a teologia dogmática são um fim em si mesmas, mas, ao contrário, elas permanecem ferramentas úteis pelas quais possibilitam um novo acesso à voz viva de Deus nas escrituras sagradas. A crítica canônica, novamente, é de Brevard Childs. Este é apenas um resumo de seu trabalho.

Deus interveio na história do antigo Israel. Escritos religiosos surgiram em testemunho fiel dos atos de Deus. Os escritos religiosos receberam vários graus de aceitação entre a comunidade de fé como normativos.

Com o passar do tempo, os escritos mais aceitos foram revisados, redigidos e moldados para comunicar o registro dos atos de Deus às gerações futuras. Os escritos foram suficientemente moldados para que sejam declarados pela comunidade de fé como canônicos. Ou seja, eles são capazes de expressar os fatos e o significado dos atos históricos de Deus a todos os futuros crentes.

E esse é o fim da introdução e metodologia da teologia do Antigo Testamento.

Este é o Dr. Tiberius Ratta e seu ensinamento sobre a Teologia do Antigo Testamento. Esta é a sessão 1, Introdução e Metodologia.